

TÍTULO DEL TRABAJO

TRANSNACIONALISMO, PERTENCIMIENTO E IDENTIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NA ESPANHA

NOMBRE

Rafael Tassi Teixeira*
UTP, PR, Brasil

DATOS DEL AUTOR

Rafael Tassi Teixeira, é doutor em Filosofia (2004) pela Universidad Complutense de Madrid (UCM – España), Mestre em Estudios Ameríndios (Antropología Social) por la Casa de América, Madrid, España. Atualmente é professor de antropologia na Universidade Tuiuti do Paraná.

DIRECCIÓN

Rua Vicente Ciccarino, 145
Bairro Boa Vista
82 540 120 CURITIBA – PARANÁ – BRASIL
Tel. 41 3308 71 40/ 966 13 904
rafatassiteixeira@hotmail.com

TRANSNACIONALISMO, PERTENCIMENTO E IDENTIDADE NAS REPRESENTAÇÕES DOS IMIGRANTES BRASILEIROS NA ESPANHA

Resumen

Este trabalho projeta uma reflexão sobre a condição pós-moderna dos novos migrantes brasileiros às cidades espanholas, partindo de um estudo de caso os brasileiros na capital da Espanha. A discussão sobre transnacionalidade e marginalidade, os processos exclusivos e os sentidos de pertencimento, as novas políticas e ideologias de representações e as inconstâncias dos fluxos migratórios são abordados a partir da análise do próprio processo de imigração brasileira em Madrid. A preocupação maior, portanto, é discutir uma etnicidade fluída desde um eixo central - memória cultural e identidade transnacional - observando as representações dos brasileiros na Espanha em seus novos fluxos migratórios. O artigo pretende ainda traçar uma reflexão sobre a questão contemporânea do estabelecimento de séries de diferenças e demarcações, o multiculturalismo como uma idéia moderna na Europa e as influências para os emigrados do Brasil. A questão da recém-descoberta identidade latino-americana junto ao novo êxodo migratório, a relação dúbia com o país de investidura e as saudades culturais.

Palavras-chave: brasileiros na Espanha, identidades transnacionais, políticas de representações

* El autor autoriza la publicación del trabajo a la Memoria Digital del Congreso

Durante a década de 1990, o incremento significativo de novas rotas internacionais e o substancial acréscimo nas geografias migratórias (Sales, 1999) para os brasileiros que deixam o país, aprofundam um primeiro mito do Brasil como país exportador de imigrantes. Essas correntes migratórias que de certa forma inauguram-se já na metade da década passada¹, inserem o migrante brasileiro em uma paisagem condicionada pela busca da mobilidade social e o esforço da obtenção de uma mudança de fatores tais como emprego, renda, educação e acesso a saúde de qualidade.

¹ Segundo Sales (1999) mais de 1 milhão de brasileiros deixam o país a partir de 1985, motivados pelas sucessivas crises políticas e o desejo de mudança social impedida no Brasil. O perfil do migrante, naquele momento, era majoritariamente constituído de jovens que buscavam a solvência econômica a partir de alguns anos no exterior. Este projeto sofre uma mudança intensa com a possibilidade de obtenção da dupla cidadania no ano de 1994 e com as novas procuras migratórias de assentamento a longo prazo no país de destino. Especificamente no caso brasileiro, onde a migração internacional é estabelecida primordialmente pelo imperativo do deslocamento social e mudança econômica significativa, antes que por motivos outros como os guerras étnicas, refugiados políticos, problemas de catástrofes naturais, etc.

Não obstante, o perfil do brasileiro que deixa o país durante esse período é substancialmente formado de jovens, trabalhadores e em muitos casos estudantes com cursos universitários. Migram as primeiras correntes significativas e continuadas de brasileiros conduzidos pelas perpetuadas crises das décadas de 1980 e 1990, onde a vida na ilegalidade é o marco constitutivo deste fluxo que deixa o país (Patarra, 1995) primeiramente com uma intenção de retorno, depois de modo paulatino projetando um assentamento a médio e longo prazos.

São os primeiros anos de 2000 (Truzzi, 2005) que este novo perfil de brasileiro que abandona o país firma-se já com a perspectiva engajada de poder estabelecer-se no país de destino, procurando a obtenção dos vistos de permanência definitivo e tendo a possibilidade de livre transcurso entre o Brasil e o país escolhido. A paisagem mutante dos primeiros anos de 2000, são de brasileiros já acostumados com as narrativas de impulsos migratórios internacionais e do Brasil como um país de abandono, de descréditos sistemáticos alimentados pelas infinitas crises econômicas e as difíceis perspectivas de cambio social.

Embora os locais de destino preferencialmente alvejados por estes novos brasileiros migrantes sejam bastante amplos e sujeitos a estruturação de redes sociais que angariam os primeiros projetos de imersão nas sociedades abraçadas, o impulso migratório aos países ditos do primeiro mundo (Margolis, 1994 e Sales, 1999) são prioritariamente mais importantes, estabelecendo uma seqüência situacional de redes de divulgação (os casos de parentes e amigos bem sucedidos) que muito influenciam na hora de migrar.

Neste sentido, ocupam um grau de importância elevado nas representações dos brasileiros que decidem partir as sucessivas narrativas de mobilidade social e de solvência econômica privilegiadas nos casos de brasileiros que vivem além das fronteiras do território nacional. Tanto pelo discurso das redes de informação pessoais (parentes, amigos, conhecidos) como pela mídia (programas de televisão, jornais e internet), as narrativas dos brasileiros que partiram e a divulgação das séries de experiências bem-sucedidas, transformam-se em verdadeiros mecanismos de potencialização constante na decisão de deixar o lugar de origem.

Desta forma, ainda pouco explorada e substancialmente importante, o papel da mídia contemporânea enquanto local de divulgação de reportagens dos brasileiros no exterior, das distintas situações econômicas dos países do 'primeiro mundo' e os constantes noticiários sobre as sucessivas crises e problemas brasileiros, alavancam fortemente a multiplicidade de representações coletivas dos brasileiros sobre a experiência da vida no exterior.

Imersos em um programa de certa maneira mundial de fluxos de partida para os países desenvolvidos, o caso dos brasileiros que escolhem o êxodo como modo de alterar os fatores sociais cristalizados², demonstra a complexidade das correntes migratórias em uma paisagem universalizante em que a integração social (Medina, 2005) é o grande ponto condutivo e a questão chave no desenvolvimento de políticas adequadas e afirmativas para a alocação de novos grupos étnicos nas sociedades de acolhida.

Em se tratando da Espanha, onde primeiramente as saídas migratórias à América Latina e depois as ondas migrantes internas foram ao longo de quase todo o século passado (Medina, 2005) a representação conhecida dos espanhóis, a súbita guinada de sociedade exportadora de migrantes para receptora em menos de quarenta anos, trouxe e ainda conduz sérios problemas de integração social e reconhecimento de direitos específicos vinculados às minorias étnicas que assumem uma importância cada vez maior dentro da sociedade espanhola contemporânea.

No bojo destas transformações apreendidas em um tempo bastante curto, aliadas ao incremento significativo e por vezes alarmante de pedidos de entrada e regularização da situação migratória, os imigrantes dos países latino-americanos (Izquierdo, 1996) desempenham um papel determinante na imagem pré-política dos recém-chegados ao território hispânico, sendo a percepção social de uma suposta "invasão" latino-americana associada aos distintos grupos étnicos dos diversos países aos quais pertencem estes imigrantes.

² Especificamente no caso brasileiro, onde a migração internacional é estabelecida primordialmente pelo imperativo do deslocamento social e mudança econômica significativa, antes que por motivos outros como os guerras étnicas, refugiados políticos, problemas de catástrofes naturais, etc.

Neste sentido, a representação social e a divulgação por parte da mídia das sucessivas tentativas de entrada no país de diferentes grupos étnicos, a sistemática procura em detectar e estabelecer guetos culturais e a criação de tipologias étnicas como tentativa de compreender este fenômeno recente, acaba alimentando a própria ideologia da invasão (Izquierdo, 1996) e servindo para a ativação de instâncias xenófobas (D'Ancona, 2004) conduzidas por uma série de imagens tópicas generalizantes e indiscriminadas contra os grupos migratórios.

Ainda que exista, como destaca Griñán (1997) uma posição marcadamente alterna na vinculação social da imagem dos grupos migratórios e o estigma da invasão, bem como um posicionamento jurídico que de certa maneira assegura a positividade da condição forânea, o próprio conteúdo negativo da palavra 'estrangeiro', como aponta a autora, acaba revelando a associação fácil entre a representação negativa dos imigrantes e a ideologia da bárbarie imaginada.

Neste aspecto, ainda que a maioria dos dados sobre os ritmos de entradas, segundo D'Ancona (2004), demonstrem a inexistência real de um incremento relevante para que esta associação verdadeiramente se reproduza, o temor à invasão é um dado perceptível em várias encostas sobre a concentração de grupos de imigrantes no território espanhol.

No caso dos latino-americanos, essa tradicional tendência pré-política à aceitação sofre constantemente uma série de acoessos por parte da divulgação de imagens midiáticas e a exploração dos temas relativos a marginalidade em certos periódicos de divulgação, onde a visão tópica dos "latinos" como "dóceis", "submissos", "integráveis", alimentam-se também nas de "perigosos", "instáveis" e "indolente"³.

O reforço, neste aspecto, de uma espécie de nova esteotipia contra o latino é também uma busca pelo afastamento de uma identidade anterior reconhecida como próxima a certas características que se pretendem desaparecidas ou 'superadas'.

³ Como apontado por Feres (2005) a construção do americanismo nos Estados Unidos foi estabelecido em parte como contraposição aos "latinos", vistos classicamente como "incivilizados", "incultos", "católicos" e "preguiçosos". Neste sentido, contrariamente ao observado pelo espanhol, a "identidade latina" foi a alteridade maior e o contraponto à confecção do americanismo prevalecente, onde outras alteridades tiveram o privilégio pré-político de reconhecimento participativo, como ingleses e irlandeses.

A entrada da Espanha na comunidade europeia significa também um novo signo político e um marco geracional onde a "hispanidade" é alimentada tanto pela negociação com novos rasgos e influências modernas, como pela necessidade de expurgar certas características que anteriormente demarcavam a espelho étnico. É também neste sentido que o latino-americano perde a preferência pré-política e sofre amplamente um processo contemporâneo e tentativo de afastamento pelo medo da invasão. O grau de tolerância nas sociedades receptoras de imigrantes, como ressaltam González e Requena (2005), depende profundamente da própria percepção social do imigrante como um componente necessário ao contínuo crescimento do país ou como uma ameaça (Saborit, 2006) que endossa o temor à destruição de privilégios conseguidos. No caso da Espanha moderna, este cambio brusco de país que partida para de entrada, juntamente com a preferência cada vez mais acentuada pelo imigrante temporal, o histórico rechaço a hibridação excessiva e a sempre frágil universalidade de um imaginário nacional no âmbito das polaridades internas, ajuda a alimentar um temor contínuo que se estende ao latino-americano em desencontro a uma preferência anterior da relação étnica.

Daí para frente, a associação fácil entre delinquência e imigração latina, constantemente perfuram a vinculação de maior tolerância com os latinos e, embora não os focalizem como "árabes", acabam incrementando novas opiniões negativas sobre os projetos comunitários de convivência. A densidade tradicional que pontuava o "latino-americano" como "mais próximo" ao latino ibérico, de certa forma encontra resistências pelo próprio reforçamento da hispanidade frágil, uma vez que a instabilidade secular da nacionalidade espanhola em se tratando de miscigenação de projetos de convivência, aparece contemporaneamente como um dinâmico restabelecer de elementos culturais entendidos como mais prevaletentes.

Especialmente os brasileiros, como "latino-americanos" moderados, longe de associarem-se facilmente a produção moderna da 'bárbarie imaginada', mas também suficientemente próximos da latinidade para serem imersos na estrangeirização discursiva onde a xenofobia condescendente ampara a percepção social influenciada pela agenda midiática, o fator ibérico é um componente determinante em que a produção de um

imaginário social relativo ao latino acaba conduzindo a caracterização de conformidades culturais que potencializam uma série de registros étnicos.

Ainda que de muita maneira o fenômeno dos brasileiros na Espanha tenha variadas especificidades, em particular quanto a própria percepção social de uma invisibilidade constitutiva⁴, o freqüente aumento no ritmo de entrada dos brasileiros desde a virada do século passado e a projeção constante na mídia dos outros grupos latino-americanos, retrata os brasileiros em um programa único de leituras das correntes migratórias latinas que colocam a outredade ibérica como marco constante de estratégias de etnificação.

Neste sentido, também os brasileiros paulatinamente acabam sendo inseridos no jogo de leituras das alteridades culturais, ainda que a condução de estatutos de diferença recebam tratamento diversos no bojo dos novos espaços de definições e redefinições constantes por parte da sociedade espanhola. A relação complexa entre as políticas de identidades e a percepção mesma por parte dos espanhóis da variedade de perfis culturais entre os latino-americanos, certamente reflete-se no caso dos brasileiros, assim como no dos argentinos e mexicanos. Mas a também o "ibericismo" é estratificamente funcional na hora de desenhar tipologias coletivas que vinculam uniformidades segmentárias e ajudam a imputar blocos de esteotipias generalizantes.

Para os brasileiros, onde a própria questão da "latinidade" é fundamentalmente um discurso dúbio e bastante manejável no momento de construção de uma série de alianças e vantagens, a exposição do incremento dos números em contínua elevação (Ripoll, 2006) e a aparição, ainda que paulatina, por parte da mídia de grupos de brasileiros recém chegados às terras espanholas, causa um novo desconforto e o receio da marginalização e da esteotipia étnica.

Como são historicamente um grupo que na foraneidade tende (Sales, 1999) a acentuar a hibridação e a adaptabilidade como recursos de fomento para a contra-guetificação e como

⁴ Como demonstra Ripoll (2006) estatisticamente os brasileiros na Espanha ainda são poucos em comparação à outros grupos de migrantes latino-americanos. Mas, segundo a autora, os brasileiros foram o terceiro maior coletivo em crescimento a partir de 2004, somente atrás dos bolivianos e romanos. A invisibilidade para os brasileiros ainda acontece, mas o incremento estatístico sem dúvida pode transformar rapidamente a percepção social apagada.

um repertório de saída das cosmologias étnicas imputadas, os brasileiros no exterior transitam como um coletivo imerso na dispersão e invisibilidade. No caso dos brasileiros na Espanha, estatisticamente ainda um grupo pouco expressivo mas em forte expansão, a mestiçagem como recurso edênico é um fenômeno amplamente utilizado tanto na hora de 'desaparecer' dos censos migratórios como no momento de fugir ou internalizar a exotificação tropicalista⁵.

Não obstante, atrás da brasilidade 'clássica', as novas ondas migratórias internacionais durante a década de 1990, colocam em curso uma variedade outra de perfis de brasileiros migrantes, que deixam o país geralmente pelos sucessivos descréditos quanto às possibilidades de transição social no país, acompanhando de perto a oscilação das incertezas políticas e a produção de novas angústias pela instabilidade econômica freqüente. Como coletivos de abandono, brasileiros cada vez mais jovens e com escolaridade diversa migram aos países ditos do primeiro mundo, passando também a mudar conseqüentemente os projetos de solvência econômica para contemporaneamente implementar também os de permanência prolongada, sem o imediatismo do retorno e passando a querer trazer seus familiares e reproduzir redes de sociabilidades anteriormente produzidas.

Mas os novos brasileiros na Espanha procuram não formalizar grupos tanto para fugir da exotificação tropicalista e dos projetos de arcaicização tópica⁶, como pelas vantagens da adaptabilidade cultural. Neste aspecto, a mestiçagem interior, nacional e constitutiva dos brasileiros é reproduzida e reforçada em terras hispânicas como contraponto imediatamente positivo da fuga das caracterizações genéricas ocasionadas pela fantasia tropicalista e pelo incremento numérico nos censos demográficos. A não busca pela formalização étnica e a série de vantagens abraçadas através do recurso da inexistência estatística expressiva, argumentam com a instituição da adaptabilidade, demonstrando que a etnificação acontece justamente pela

⁵ A fantasia tropical e o imaginário coletivo associado aos brasileiros, juntamente com alguns segmentos: casas com temáticas de festas brasileiras, restaurantes tropicais, espetáculos musicais e artísticos, escolas de capoeira e cursos de idiomas; ajudaram a forjar uma política de identidade "brazuca" que, no caso da Espanha foi um produto economicamente rentável dos primeiros brasileiros migrados, fundamentalmente constituído por artistas, jogadores de futebol, empresários de casas de restaurante e bares com a temática tropicalista.

⁶ No limite, a associação tradicional entre brasilidade e "povo alegre", "mulheres promíscuas", "jogadores de futebol", "bons músicos", etc.

potencialização da invisibilidade amálgama, mediante um assimilacionismo edênico que serve como artifício consciente para driblar aparências estigmatizatórias⁷.

Deste modo, quando a invisibilidade reforçada produz uma conveniência simbólica além da caracterização, um ideário baseado no momentâneo desaparecimento é recebido como discurso e estratégia de resistência que ilude os censos demográficos e também segue causando uma percepção social de pouco volume de imigrados. A imigração silenciosa e a tendência moderada pela dispersão e adaptabilidade, produz uma série de constâncias onde a estratégia brasileira para com o ibericismo é justamente a de ora aproximar ora distanciar-se de uma latinidade que se desenha preferencial e marginalmente no momento de estabelecer uma série de dicotomias e hierarquias de privilégios pré-políticos com a hispanicidade.

Entretanto, a exposição cada vez mais elevada nas censos populacionais, gera o perigo do incremento perceptivo ao mesmo tempo em que abre portas para o fenômeno estigmatizatório, colocando os brasileiros em uma condição muito mais evidente e visível para a população espanhola.

Dentro do assombro que repercute a imigração internacional moderna na Espanha, juntamente a sensação genérica de descontrole e falta de capacidade para lidar com um fenômeno recente (Medina, 2005), noticiando-se diariamente dados sobre a monumentalidade dos problemas migratórios, a ideologia do temor da invasão reproduz-se em coletivos de incremento como os brasileiros, permitindo uma aproximação tópica e simplista com outros grupos étnicos latino-americanos. No caso do perfil dos novos grupos de migrantes brasileiros, especialmente os migrados a partir da segunda metade da década de 1990, em que se constitui de jovens entre 25 e 34 anos em idade laboral (Ripoll, 2006), essa nova transformação social associada a agenda contemporânea da barbarização do forâneo, acaba administrando generalidades persecutórias e colocando os brasileiros juntamente a outras polaridades (latino-americano).

⁷ Também é preciso ver que os brasileiros tendem a migrar para grandes urbes no cenário espanhol, onde essa adaptabilidade certamente pode acontecer como maior ocasião e o 'desaparecimento' estatístico se produz mais facilmente. Note-se, ainda, a quase inexistência de associações culturais e comunitárias entre os brasileiros em Madri e Barcelona, bem como a não aglomeração, ao contrário de outros grupos latino-americanos (Izquierdo, 1996), em bairros e localidades típicas.

Neste sentido, o terror da invasão latino-americana é estendido também aos jovens brasileiros em idade laboral, compondo uma uniformização dos grupos étnicos e ressaltando a dicotomia cultural como discurso político que produz uma evidência de alteridade determinante. A estrangeirização da norma estética e a diabolização do outro enquanto signo da ideologia da invasão, não permite aos brasileiros refugiar-se nas especificidades do tropicalismo, quando historicamente apareciam como coletivo "exótico", "agradável" e "distante". A nova produção da bárbarie e do estigma do latino-americanismo delitivo, atua neste aspecto como uma capa retórica que formaliza as séries de visões etnocêntricas e ao mesmo tempo impede as nuances do dado cultural.

No caso dos brasileiros, em que a etnicidade aparece justamente na procura pela adaptabilidade híbrida a toda prova e a mestiçagem forânea mostra-se como estratégia importante na hora de passar invisivelmente pelos censos demográficos e pela percepção uniforme da população, a homogeneização de realidades díspares e o desaparecimento das amplitudes tênues feitas sempre silenciosa e sensivelmente pela série de leituras dos repertórios étnicos, acaba instituindo os coletivos em blocos genéricos perigosamente associados às imagens contemporâneas de incremento, descontrolo e perigo da imigração.

No limite, a imagem dos brasileiros ainda transita pluralmente entre um tropicalismo estrangeiro, assentado sob uma visão ligeiramente positiva e tolerante da foraneidade "exótica" onde os brasileiros aparecem como "artistas", "bons músicos" e "povo alegre", fundamentalmente em pequenos números que não chegam a incomodar, e o contraponto de um latino-americanismo com novas tintas ameaçadoras.

Entre este tropicalismo de sobrevivência e a uniformização latino-americana conjuntamente a nova agenda política e ao fenômeno da espetacularização da imagem da invasão, os brasileiros seguem migrando em um número expansivo, concentrando-se nas grandes urbes espanholas e praticamente aparecendo em todos os setores de emprego migratórios, desde serviços a construção civil. Vítimas e protagonistas de um novo hito em que se desenham cartografias étnicas de acordo com a característica maior de aproximação e distanciamento da imagem negociada do imigrante, a tradicional não formalização em guetos culturais e a retórica da adaptabilidade a qualquer custo, gradualmente formalizam novas

perspectivas e tendências culturais onde o brasileiro é inserido em uma dupla alteridade que tende a homogeneização de vozes culturais discrepantes sob efeito de uma leitura mutilada do dado semântico.

Mais expostos, menos capazes de criar tantos artifícios para conseguir esconder-se entre o abandono e a transposição numérica, a brasilidade associa-se ao coletivismo latino-americano, entre redes de conflitos alimentados negativamente pelas outras pluralidades em que os itinerários culturais são feitos a partir da linguagem tópica da ameaça e um disseminado discurso da transmissão de imaginários coletivos em polaridades construídas na estrangeirização do encontro.

As novas paisagens diaspóricas assumem rostos e contextos marcados pela anonimidade e a guetificação impostas. O desaparecimento é uma tentativa inerte e o recurso comunicativo da invisibilidade de resistência utilizada pelos brasileiros como maneira de escapar da norma especulatória, torna-se um recurso mínimo frente a ideologia da discrepância imberbe. Esta sim, alimentando-se fartamente da conflitualização do outro e na contemporânea problemática incomensurável dos jogos das diferenças: projetos de assentamento a longo prazo, tolerância ativa, sustentação midiática dos números econômicos que apoiam o imigrante, etc.

Ao contrário, resta os discursos do medo e a avalanche de epistemologias de redundâncias estigmatizatórias, onde o expurgar da sensibilidade étnica contrapõe-se a barbarização da alteridade como forma de preencher um novo imperativo da construção social das diferenças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTLES, S. (2000), "Migración internacional a comienzos del siglo XXI: tendencias y problemas mundiales", *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, nº 165, septiembre: las migraciones internacionales 2000, pp. 17- 32.
- D' ANCONA, Maria Ángeles Cea. 2004. *La Activación de la Xenofobia en España: Qué Miden las Encuestas?* Madrid: CIS.
- FERES, João. 2005. *A História do Conceito de "Latin America" nos Estados Unidos*. Bauru: Edusc.
- IZQUIERDO, Antonio. 1996. *La Inmigración Inesperada: La Población Extranjera en España (1991-1995)*. Madrid: Editorial Trotta.
- GRÑÁN, Patricia Barbadillo. 1997. *Extranjería, Racismo y Xenofobia en la España Contemporánea: La Evolución de los Setenta a los Noventa*. Madrid: CIS.
- MARGOLIS, Maxine. 1994. *Little Brazil: Imigrantes Brasileiros em Nova York*. Campinas: Papirus.
- MEDINA, Luis Garrido. 2005. "La Inmigración en España", In: GONZÁLEZ, Juan Jesús & REQUENA, Miguel. *Tres Décadas de Cambio Social en España*. Madrid: Alianza.
- NASH, Mary. 2005. *Inmigrantes en Nuestro Espejo: Inmigración y Discurso Periodístico en la Prensa Española*. Barcelona: Icaria Antrazyt.
- PATARRA, Neide. 1995. *Emigração e Imigração Internacionais no Brasil Contemporâneo*. São Paulo: FNUARP.
- RIPOLL, Érika Masanet. *O Brasil e a Espanha na dinâmica das migrações internacionais: um breve panorama da situação dos emigrantes brasileiros na Espanha*. Trabalho Apresentado pela Autora na ABEP, 2006.
- SABORIT, Pere. 2006. *Vidas Adosadas: El Miedo a los Semejantes en la Sociedad Contemporánea*. Barcelona: Anagrama.
- SALES, Teresa. 1999. *Brasileiros Longe de Casa*. São Paulo: Cortez.
- SCHUR, Edwin. 1971. *Labeling Deviant Behavior - Its Sociological Implications*. New York: Harper & Row.
- TRUZZI, OSWALDO. 2005. *Estudos Migratórios: Perspectivas Metodológicas*. São Carlos: Eduscar.